

Histórias que as palavras contam
Carlos Alberto C. Afonso
Escola Superior de Educação de Portalegre

Todas as palavras têm uma História. Nascem, vivem, evoluem. Algumas morrem. Muitas são adotadas de outras línguas.

Nesse processo de adoção e de integração no nosso léxico, perde-se, em grande parte dessas palavras, a raiz etimológica, não sendo raros os casos em que o significado que hoje lhes atribuímos se afastam dessa raiz.

É evidente que esse afastamento se justifica com as características de um “organismo vivo”, como é a nossa língua. Mas até que ponto é aceitável perder-se uma ligação etimológica que enquadra a própria evolução linguística e ajuda a compreender o significado de cada palavra? *A partir de um conjunto de palavras de origem estrangeira utilizadas em Português, sobretudo oriundas da Língua Inglesa, pretende-se discutir a sua raiz etimológica e evolução, tendo em vista, sobretudo o modo como a nossa língua as adotou.*

Discutem-se, também, de um ponto de vista não especializado, alguns casos polémicos na relação significado-significante e grafia-pronúncia.

O que une a comunidade lusófona, e que constitui, mesmo, a razão de ser para a sua existência, é, sem dúvida, o facto de todos falarmos a mesma língua. Mas será que, de facto, falamos todos a mesma língua? Será, talvez, mais apropriado dizer, não que falamos a mesma língua, mas que cada um dos povos da comunidade fala uma língua com uma origem comum a todos os outros, mas diferente de cada uma delas.

É verdade que “em Português nos entendemos”, mas cada um de nós fala um Português diferente – a não ser assim, não haveria necessidade, como me dizem que acontece, que, por exemplo, uma audiência constituída maioritariamente por brasileiros tenha que usar tradução simultânea quando um português usa da palavra...

Haverá, então, uma matriz, um padrão que contenha em si os traços identificativos daquilo que é comum a todos nós? E será legítimo considerar que só essa matriz é que é Português?

Duas perguntas para duas respostas diferentes: afirmativa para a primeira, isto é, existe, de facto, uma matriz que identifica todos os nossos “Portugueses” como Português; negativa para a segunda, ou seja, que não é legítimo, longe disso, considerar que só essa matriz é que é Português.

Deixo para os especialistas a tarefa de apelarem à diversidade dos fenómenos que explicam o nascimento e a evolução de uma língua, de cada um dos “Portugueses” que falamos. Eles são, parece-me, **científicos**, isto é sobretudo linguísticos, **históricos**, isto é sobretudo os que explicam como o contacto entre os povos se iniciou e como evoluiu, e **culturais**, isto é sobretudo os que derivam da riqueza dos contributos locais e autóctones, mas também do contacto com outras culturas e outras línguas. Mas também podem ser **políticos, económicos, sociais**... Como veem, é uma tarefa demasiado complicada para ser devidamente abordada aqui e agora – sobretudo por mim, que não sou especialista em nenhuma das áreas.

Parafraseando Mia Couto, legítimo representante de um dos registos da nossa língua comum, “venho aqui brincar no Português, a língua. Essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós, moçambicanos, ficarmos mais Moçambique” (Couto, 2001) ou, permito-me alterar, que nos faz a nós, comunidade lusófona, ficarmos mais comunidade...

Limito-me, pois, neste “gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo” (id.)- as palavras continuam a ser de Mia Couto -, a fazer a constatação de que, falando todos Português, falamos um Português diferente.

E falamos todos Português porque temos a tal matriz comum que, depois, é enriquecida pela ocorrência dos tais fenómenos de que falava há pouco e que, por conseguinte, a modificam. E qual é, então, a nossa matriz comum? É um código linguístico que deriva do Indo-Europeu, do ramo Românico, constituído como *corpus* neste minúsculo retângulo à beira-mar, de onde derivou para outras partes do mundo. Como língua românica, o Português sofre, por definição, uma forte influência do Latim. Mas, seja na variante europeia ou africana, ou americana, foi incorporando outros contributos, de outras culturas, que fizeram dele a língua que cada um de nós hoje fala.

E é, precisamente, o contributo da cultura anglo-saxónica no Português atual que me leva a partilhar convosco as reflexões que apresento de seguida.

Cientificamente chamados de “estrangeirismos”, os vocábulos que entram no *corpus* de uma língua vindos de uma outra língua, transformam-se, mais ou menos rapidamente, em vocábulos que perfilhamos e de cuja origem, não raro, perdemos a noção. Vou apresentar-vos três exemplos, que correspondem à influência de outros tantos fenómenos, de três vocábulos ou expressões que todos os “Portugueses” adotaram e incorporaram no seu dia a dia.